

A FORMAÇÃO DO *ESPRIT DE SION*

Angela Xavier de Brito

Resumo

A exemplo dos estabelecimentos de elite, Sion exerce sobre suas alunas um efeito de ordenação e de consagração, que tem por objetivo formar um grupo à parte, que faz corpo com a instituição. A "cultura escolar católica de tradição francesa" que anima as instituições femininas de ensino secundário no Brasil — em particular o Colégio Notre Dame de Sion — desenvolve em suas alunas um espírito de corpo específico, resultado de uma socialização conduzida num cotidiano altamente ritualizado. O presente artigo trata justamente de analisar as maneiras pelas quais se forma tal espírito de corpo. O *esprit de Sion* — espírito de corpo específico a Sion — vai assim ser formado através de rituais de identidade, rituais morais e rituais ligados à religião. Esse *esprit de Sion* vai conferir às alunas um habitus, cujas estruturas estruturantes vão acompanhá-las até o fim da vida, contribuindo a assentar seu capital social, fazendo com que sejam reconhecidas em sociedade como *enfants de Sion* e se reconheçam entre si.

Palavras-chave: Cultura escolar católica de tradição francesa; espírito de corpo; *enfants de Sion*; *esprit de Sion*; rituais.

FORMATION OF SION'S SPIRIT

Abstract

Like elite's establishments, Sion exerts on his/her female students ordinance and consecration effect with the objective to shape a distinctive group which becomes part of the institution body. "Traditional French Catholic school culture" which liven up female high school in Brazil, particularly Colégio Notre Dame de Sion, develops in their female students a specific body spirit, resulting from socialization, conducted in highly ritualized daily routines. This article deals with analyzing the ways by which such body spirit is shaped, the *esprit* of Sion, spirit of body, specifically of Sion. Thus, it will be shaped through identity rituals, moral rituals and rituals related to religion. This Sion's *esprit* will confer to classes a *habitus* whose structuralizing structures will follow for the rest of the life, contributing to settle its social assets, providing it to get social recognition as *enfants* of Sion and to be recognized by each other.

Keywords: Traditional French catholic school culture; body of spirit; *enfants* of Sion; *esprit* of Sion; rituals.

LA FORMACIÓN DEL ESPÍRITU DE SION

Resumen

A ejemplo de los establecimientos de elite, Sion ejerce sobre sus alumnas un efecto de ordenación y de consagración, que tiene por objetivo formar un grupo a parte, que hace cuerpo con la institución. La "cultura escolar católica de tradición francesa" que anima las instituciones femeninas de enseñanza secundaria en Brasil — en particular el Colégio Notre Dame de Sion — desvuelve en sus alumnas un espíritu de cuerpo específico, resultado de una socialización conducida em un cotidiano altamente ritualizado. El presente artículo trata justamente de analizar las maneras por las cuales se forma tal espíritu de cuerpo. El *esprit de Sion* — espíritu de cuerpo específico a Sion — así será formado através de rituales de identidad, rituales morales y rituales ligados a la religión. Ese *esprit de Sion* conferirá a las alumnas un habitus, cuyas estructuras "estructurantes" van a acompañarlas hasta el fin de la vida, contribuyendo a asentar su capital social, haciendo con que sean reconocidas en sociedad como *enfants de Sion* y se reconozcan entre si.

Palabras clave: Cultura escolar católica de tradición francesa; espíritu de cuerpo; *enfants de Sion*; *esprit de Sion*; rituales.

LA FORMATION DE L'ESPRIT DE SION

Résumé

À l'exemple des établissements scolaires d'élite, Sion exerce sur ses élèves un effet d'ordre et de consécration, dont l'objectif est celui de former un groupe à part, qui fait corps avec l'institution. La "culture scolaire catholique de tradition française", qui anime les institutions féminines d'enseignement secondaire au Brésil – particulièrement le Collège Notre Dame de Sion – développe chez ses élèves un esprit de corps spécifique, fruit d'une socialisation établie dans une vie quotidienne très ritualisée. Cet article analyse les manières par lesquelles se forme un tel esprit de corps. *L'esprit de Sion* – l'esprit de corps spécifique à Sion – va donc être formé à travers des rituels d'identité, des rituels moraux et des rituels liés à la religion. Cet *esprit de Sion* va conférer aux élèves un *habitus*, dont les structures structurantes vont les accompagner à jamais, ce qui va fixer leur capital social, et les faire reconnaître par elles-mêmes et par la société comme des *enfants de Sion*.

Mots-clés: Culture scolaire catholique de tradition française; esprit de corps; *enfants de Sion*; *esprit de Sion*; rituels.

Introdução

Sabe-se que os estabelecimentos de elite, como as escolas militares, as *public schools* inglesas, as *Grandes écoles* francesas ou certos estabelecimentos secundários de educação no Brasil — todos fundamentados, mesmo os mais leigos dentre eles, nos princípios da *Ratio Studiorum* jesuíta — exercem sobre seus alunos uma violência simbólica que produz um efeito de ordenação e de consagração, com o objetivo de produzir um grupo à parte que faz corpo com a instituição (Bourdieu, 1989). Apresentada como universal, a cultura dessas instituições sofre, no entanto, uma forte adaptação segundo um viés de gênero, que faz com que as mulheres que passam pelos educandários que lhes são reservados se tornem seres humanos bastante diferentes dos homens formados nos colégios masculinos. Enquanto que estes dispositivos predis põem os últimos ao exercício do poder, a escolarização das mulheres — seres que se acredita movidos mais pela afetividade e pela emoção do que pela razão — vai tender à formação de uma relação de submissão à autoridade nas esferas pública e privada, preparando-as a exercer com competência o papel social de esposa e mãe burguesa que lhes é tradicionalmente atribuído.

As alunas nos colégios femininos são submetidas ao que chamei de "cultura escolar católica de tradição francesa", ou seja, um conjunto de regras e regulamentos disciplinares que se inspira das formas de socialização das *demoiselles* no século XVIII (Constant, 1987). Essa cultura tem basicamente por função transmitir distinção às meninas confiadas à sua guarda, contribuindo à formação de uma camada social dotada de um *habitus* e de uma identidade social específicos.

A literatura sobre a questão já demonstrou que a força dessa socialização — centrada menos nos conteúdos técnicos do aprendizado do que nos rituais que a acompanham — se deve ao espírito de corpo que transmite. Ele contribui, por um lado, a

assentar o *habitus* que modela os modos de pensar, de sentir e de agir das alunas e ex-alunas; e por outro, "da socialização mútua que resulta do contato contínuo e prolongado entre [as] condiscípul[a]s" (Bourdieu, 1989, p. 104), prolongada nos intensos laços afetivos que as unem até a morte.

O presente artigo trata justamente das maneiras específicas através das quais as instituições femininas de ensino secundário no Brasil formam tal espírito de corpo. Dá-se especial atenção à forma pela qual se estrutura o cotidiano — abordagem bastante negligenciada dentro da sociologia da educação brasileira. O objeto empírico dessa demonstração é o Colégio *Notre Dame de Sion*, em particular sua filial carioca, que funcionou até 1972 em regime de semi-internato¹.

Meus trabalhos anteriores sobre a educação das elites femininas mostram que, desde a entrada, Sion busca homogeneizar o mais possível as alunas confiadas à sua guarda — sempre ocultando os princípios implícitos dessa exclusão ritual. As candidatas são submetidas a uma seleção prévia, na qual o colégio privilegia quem já traz do mundo natal as disposições que a instituição exige e reconhece — a principal sendo o fato de provir de uma linhagem materna de *enfants de Sion*. Essas exigências preliminares reforçam a homogeneidade do recrutamento, basicamente feito dentro de uma clientela de classe média alta, de origem agrária ou urbana. Para aquelas cuja origem é, em princípio, "inferior" em termos de cultura ou de valores, a própria matrícula no colégio contribui a aprofundar a "fratura inicial" (Bourdieu, 1989, p.148) que as separa do grupo de origem.

Um dos esteios da educação sionense é o chamado *esprit de Sion*, o espírito de corpo específico ao colégio — qualidade dificilmente definível, mistura de qualidades morais e intelectuais, amor ao trabalho, devoção, fé, solidariedade e espírito de grupo.

¹ Os dados aqui apresentados são retirados da pesquisa por questionário e entrevistas (2004-2007), com uma abordagem simultaneamente diacrônica (1920-1970) e sincrônica (turma 1949-61).

Ele provém da submissão de um contingente mais ou menos homogêneo aos mesmos princípios educativos. Ao modificar gradualmente a representação que essas meninas têm de si mesmas, os dispositivos fortemente ritualizados que contribuem a formar esse *esprit de Sion* facilitam sua integração à instituição e proporcionam-lhes a "adesão encantada aos valores e ao valor de um grupo" (Bourdieu, 1989, pp. 258), que lhes confere um estilo de vida que as distingue. "O cunho indelével de Sion" (Prates, 1938, p. 25) pode ser detectado nos depoimentos de alunas de diferentes épocas, que se sentem "ainda membros de uma mesma família" (Lage, 1938, p. 69; Stella²).

Depois de Goffman (1961), é lugar comum atribuir esse espírito de corpo aos internatos, onde o isolamento reforça a ação dos rituais. O internato é, sem dúvida, um verdadeiro "substituto do poder familiar" (Faguer, 1991, p. 26): Elza (1949-60) ex-aluna do Sion de Petrópolis, num *lapsus linguae*, se referiu ao colégio como "lá em casa". Por não cortar os laços com a família, Sion do Rio se presta menos a essa adesão total. No entanto, "é preciso deixar de atribuir ao internato o que é, na verdade, determinado pela organização rigorosa de um trabalho intensivo" (Bourdieu, 1989, p. 112). O fato de não estarem encerradas no colégio não significa que as alunas do colégio carioca não adquiriram as características das *enfants de Sion*. Sem dúvida, a similaridade das origens e das trajetórias das primeiras gerações permite melhor "conservar o espírito de corpo que reforça sua educação elitista" (Faguer, 1991, p. 26). Nair (1920-28), ex-aluna de Sion do Rio, considera a turma de 1949-61 "muito desunida". É verdade que a heterogeneidade social das turmas mais recentes leva a percursos diversificados, que afastam as alunas. No entanto, as fortes amizades sionenses, condição para a constituição de um sólido capital social, continuam a ser uma

² Os nomes citados correspondem às alunas entrevistadas. As duas datas entre parênteses que os seguem indicam o período em que a aluna esteve na instituição. As alunas cujo nome não tem essa indicação pertencem à turma 1949-61.

constante nesse universo escolar, especialmente entre as alunas de famílias de elite (Amanda, AnnaLucia, Glória Maria).

Para mostrar como se constrói concretamente esse *esprit de Sion*, começarei pela organização do contexto, ou seja, as representações do espaço e do tempo em vigor no colégio. Em seguida, evocarei a organização objetiva do cotidiano e as experiências subjetivas das alunas no dia-a-dia. Mas a principal fonte do *esprit de Sion*, na qual centro minha demonstração, se encontra na ritualização desse mesmo cotidiano.

Uma socialização constrangedora

O aprendizado do *esprit de Sion* começa desde a entrada no colégio. Tal como os pés enfaixados das mulheres chinesas, o corpo e o espírito das alunas vão sendo progressivamente modelados desde seus primeiros passos, através de práticas disciplinares que ordenam sua maneira de perceber o tempo e o espaço, seu corpo, sua postura, seus movimentos, sua voz, sua escrita e até mesmo seus pensamentos. O essencial dessa socialização se dá no primário onde, segundo a *Ratio Studiorum*, as crianças devem ser regidas por meios mais enérgicos, o método das reações condicionadas contribuindo eficazmente à interiorização das regras. Esse "período de adaptação [...] visa levar à desistência as pessoas que não possuem vocação ou força de vontade suficiente" (Castro, 2004, p. 19), ou melhor, que não merecem ser alunas de Sion.

O primeiro conjunto de regulamentações que enquadrava as alunas dizia respeito ao espaço e ao tempo. A própria estrutura arquitetônica do edifício, inspirada nas plantas dos antigos conventos, continha em si uma forma de controle. A configuração quadrada das galerias que se abriam sobre o pátio interno permitia a identificação imediata de qualquer menina que rompesse a ordem, perambulando isolada. As dimensões

monumentais do prédio, intimidantes em si, eram reforçadas pelo silêncio imposto nas partes comuns.

Então [eu] já cheguei apavorada no primeiro dia de aula [...] e aí, insegura, sendo levada assim por aqueles corredores imensos, né, aí ah... eu fui falar com a freira, puxar assunto com uma daquelas *ma sœur*, né e ela virou-se pra mim e disse assim 'shshsh! silêncio, aqui não se pode falar' (Maria Cecília, 1947-59).

Sion praticava a pedagogia do silêncio. Era absolutamente proibido falar nos corredores, na fila, na sala de aula, no refeitório ou na capela. Mesmo nos intervalos e no recreio, as situações de palavra eram controladas: era proibido ficar conversando muito tempo — a inação suscitava *mauvaises pensées* — ou com uma só colega — atitude considerada como fonte de *mauvais esprit*.

Cada classe ocupava sua sala de aula específica³, o que reduzia ao mínimo os deslocamentos coletivos no espaço. As filas eram "rigorosamente organizadas por tamanho crescente" (Dallabrida, 2001, p.156), e as alunas deviam manter "um quadradinho entre cada uma... um ou dois, já não me lembro... sei que tinha que ter determinada medida... e tinha que por a mão no ombro da outra." (Glória Maria).

A divisão das classes em turmas era uma peça-chave do controle espacial. As alunas eram colocadas nas turmas A ou B em função de uma estimativa de sua capacidade de integrar-se à instituição. A turma B parece ser uma espécie de crivo, onde as mestras de classe buscavam discernir o potencial de certas alunas recém-matriculadas. O fato de ser filha de uma antiga aluna de Sion tinha seu peso nessa orientação. Julia (1995, p. 364) comenta que a divisão em turmas busca sobretudo "reconhecer [...] a 'natureza' [de cada aluno], para saber como agir de maneira

³ Apenas as aulas de Desenho e Ginástica beneficiavam de um outro espaço especialmente organizado

adequada sobre cada um deles". Esse princípio de ordenamento, segundo o qual "a própria instituição designa quem ela acha inapta ao sistema" (Le Wita, 1988, p. 124), era tão astutamente concebido que a maioria das alunas não percebe o princípio de eliminação diferida que lhe é implícito. Onze ex-alunas da turma 1949-61 não atribuem "nenhum significado" ao fato de pertencer a uma ou outra turma ou pensam que o critério de separação era apenas "o número de alunas". Sete outras crêem tratar-se meramente de uma questão de performance escolar: a turma A era considerada "superior à turma B" porque "congraçava as melhores alunas" (Maria Regina Cecília, Ângela, Aliana, Maura, Vera, StellaF). O maior grau de integração dessa turma a fazia oferecer um clima propício aos estudos — segundo as próprias alunas, a turma B reunia "as mais bagunceiras e indisciplinadas" (Angelina). Prova disso é o baixo índice de *turn-over* entre as alunas da turma A da coorte 1949-61: seis alunas em dez tinham mais de dez anos de estudos seguidos no Sion e a maioria delas chega à coroação⁴; ao passo que, das 53 alunas que passaram pela turma B, pouco mais de um terço fica apenas um ou dois anos no colégio. Em geral, as sucessivas eliminações fazem com que as duas turmas se fundam no ginásio.

Altos muros e portas gradeadas mantinham à distância todo elemento estranho e impediam qualquer tentativa de fuga. As alunas que moravam no bairro só podiam deixar o estabelecimento acompanhadas por uma pessoa responsável ou sozinhas, com permissão escrita dos pais.

Como os demais colégios católicos, Sion associava o controle do espaço ao controle do corpo, adquirido através das posturas físicas adaptadas a cada atividade. As alunas deviam assistir as aulas com os braços cruzados atrás das costas. Nos

⁴ Cerimonial que consagra o fim do curso no Sion.

bancos da Grande Sala ou do Pavilhão⁵, deviam ficar eretas, com as mãos sobre o regaço, sem jamais cruzar as pernas, atitude considerada extremamente vulgar. Os ritos de apresentação de si eram bastante codificados: o ficar de pé ao entrar e sair um professor, a postura ereta ao vir dar a lição diante da classe, a reverência diante da autoridade, "uma das formas mais perfeitas e mais estilizadas dos rituais de saudação [que marca] o perfeito controle de si e a preocupação com a posição do corpo" (Mension-Rigau, 1991, p. 176).

O controle do tempo

O rígido controle do tempo era outra dimensão imprescindível ao enquadramento das alunas. Sion tinha aulas de segunda a sexta-feira, de 8h30 às 16h30⁶ e cada dia, cada hora, cada minuto, "estava organizado de maneira a manter a ordem e a disciplina" (Cavalcanti, 1995, p. 31). As alunas deviam "ser pontuais e assíduas no comparecimento às aulas e a outras convocações determinadas pela diretoria" (Regimento interno, Tit. I, cap. IX, item c). Faltar "à Assembléia" (caderneta Angela) ou "à quermesse Pró-missões" indicava "absoluto desinteresse pela vida colegial" (caderneta Maria Cecília, 1947-59).

A frequência diária ao colégio era indispensável: a presença era controlada pela chamada, na Hora dos Avisos. Podia-se perder, por faltas, medalhas e até mesmo o ano escolar. Como a assiduidade tinha uma relação direta com a transmissão do *esprit de Sion*, nem mesmo a doença servia de paliativo. Em

⁵ A Grande Sala era o anfiteatro do colégio, onde se realizavam as Assembléias Gerais. O Pavilhão era destinado às aulas de ginástica e **servia também a se esperar** a saída dos ônibus do colégio.

⁶ No clássico, as aulas eram de segunda a sábado em meio período, de 7h30 a 13h00.

compensação, as alunas que tivessem faltado menos de três dias no ano recebiam a "medalha de assiduidade".

Não bastava vir todos os dias, era imprescindível chegar na hora exata. A pontualidade integrava o quadro do controle do tempo. A irmã conversa que controlava a entrada não admitia nem um minuto de atraso. O Regimento interno previa que a aluna poderia ainda "passar pela direção para justificar" um primeiro atraso. Em caso de reincidência, o regresso à casa era imediato, sendo os pais notificados através das cadernetas e até mesmo admoestados, se as freiras achavam que suas filhas estavam faltando demais ao colégio, ainda que com atestado médico e beneplácito da família.

O tempo global era marcado pela campainha estridente de inúmeros relógios elétricos. Já os tempos menores, os movimentos rituais, eram escandidos pelo ruído seco do *clapet* — duas tabuinhas de madeira que se entrechocavam — ao som do qual as meninas deveriam interromper imediatamente o que estavam fazendo e preparar-se para empreender outra atividade: sair da classe e formar filas; pôr-se em movimento ou parar; adotar a postura corporal adequada à situação. As orações freqüentes, as jaculatórias, as ladainhas, eram também elementos de escansão do tempo. O *Angelus* rezado em coro antes do almoço fazia parte dessa "rítmica do tempo pontuada por exercícios de piedade" (Foucault, 1975, p. 176), cuja "beleza solene e sonora" marcou Sonia (1948-56). Dentro da sala de aula, era preciso ainda aprender a fazer as tarefas *vite et bien*: o mais depressa possível dentro do tempo outorgado, mas sem que a pressa compromettesse a qualidade.

O controle do corpo discente era feito "menos pelo que é ensinado explicitamente do que aquilo que se ensina tacitamente através das condições nas quais se efetua o ensino" (Bourdieu, 1989, p. 112) — entre as quais o princípio da emulação. Sant'Anna (1985) já fala das *batalhas* no Sion do Rio, nos anos 1940. Nos anos 50, Nascimento (1991) evoca as *voltinhas relâmpago* de D. Risoleta, professora de português na classe *grenat*

[2ª série primária], a divisão das alunas em "campos rivais, São Miguel e São Rafael",. A emulação entre os campos não levava em conta apenas o aspecto "intelectual" ressaltado por Dallabrida (2001, p.147) no Ginásio Catarinense. A cultura escolar católica de tradição francesa tendia, como a aristocracia desse país, a considerar "a inteligência [...] uma qualidade plebéia [porque] a idéia brilhante fede a povo" (Mension-Rigau, 1990, p. 90; p. 93). O objetivo era antes "formar as alunas no amor da religião e de todas as virtudes que ela inspira" (Rogers, 2005b, p. 145). As condutas conformes contavam pontos a favor do campo a que se pertencia e eram recompensadas com cromos, decalcomanias, santinhos, flores secas, cobiçados objetos franceses que não existiam no Brasil. As atitudes desviantes prejudicavam suas hostes, até mesmo as que diziam respeito à higiene corporal — como no caso de Aliana, cujo campo ganhou "duzentos pontos" quando ela resolveu finalmente cortar as longas unhas (Nascimento, 1991). Os castigos pertenciam à ordem do simbólico. As humilhações morais ou verbais a que eram submetidas as alunas — no limite do sadismo (Cecília) — faziam parte da "pressão" que induzia os elementos mais fracos a abandonar a instituição (Castro, 2004, p. 20). A filosofia geral do colégio era assim compatível com a ideologia das classes médias altas, que apelam mais à ascese do que aos maus tratos físicos (Lareau, 2003).

Quem não desse prova de ter adquirido o *esprit de Sion* podia ser pura e simplesmente excluída, por brilhante que fosse: Aliana, primeira da classe na classe *orange* [3º primário], foi transferida ao Santa Úrsula. As alunas corriam o risco de ser transferidas a qualquer etapa do *cursus* escolar: Danda (1938-46), filha de um intelectual paulistano, viu frustradas suas expectativas de "receber a coroa no final", ao ser excluída na classe *violette lisérée* [2º clássico] por ter dito "que não queria ser uma esposa burguesa e estudaria na Universidade do Brasil". Turmas inteiras foram igualmente ameaçadas de exclusão por não terem ainda

"compreendido o que Sion lhes quer dar" [nota do colégio à turma 1947-59, grifos do colégio].

"A submissão à autoridade era axiomática e a autoridade, ubíqua" (Needell, 1993, p.79). As alunas estavam sempre sob o olhar de alguém: na portaria, *Sœur Benvinda*; no café e no lanche, *Mère Maurita*; no refeitório, *Mère Delphine* ou *Mère Augusta*; nas *circulações*⁷, *sœur Darcília* e outras irmãs idosas; nas galerias, qualquer religiosa que passasse. Nas salas de aula, predominava o olho vigilante da mestra de classe... e o ouvido da superiora: as freiras insinuavam que o alto-falante colocado atrás do professor permitia que *Notre Mère*⁸ ouvisse tudo o que se passava nas classes. "Eu sempre desconfiei muito daquilo [...] mas a gente tinha medo! Como freira não mentia, podia ter algo de verdade..." (Maria Cecília, 1947-59). Acrescente-se que as alunas corriam o risco de se fazer denunciar pelas próprias companheiras: tais sinais de delação eram considerados provas da aquisição do *esprit de Sion*, pois eram feitos "para o bem da colega".

As férreas regras disciplinares que caracterizavam o estabelecimento visavam a inculcar nas alunas um espírito de obediência sem questionamentos, a dobrar-lhes a cerviz, a fazê-las interiorizar os valores, as atitudes e os comportamentos próprios a uma *enfant de Sion*. Várias delas confessam que Sion "foi para mim um terror" (Glória Maria), que se sentiram "trituras", "esmagadas" (Cecília, Sonia), pela disciplina estrita. No entanto, outros depoimentos nuancam o suposto rigor do colégio, situando-o numa época em que as crianças eram consideradas agentes passivos do processo de socialização (Durkheim, 1922). A disciplina em certas casas era de tal modo severa que algumas alunas se sentiam melhor no colégio do que fora dele: "A gente era

⁷ Nome dado aos banheiros no Sion.

⁸ A superiora. As mestras de classe e outras irmãs, de hábito negro, que tinham pronunciado votos perpétuos, eram chamadas *Ma mère*; e as irmãs conversas, vestidas de tecido mescla azul, *Ma sœur*.

muito reprimida em casa! [...] criança não tinha vez e mulher não tinha vez, a gente não tinha vez duplamente..." (Silvia).

A análise da cultura escolar católica mostra, no entanto, que esse conjunto de práticas disciplinares tinha um viés de gênero, sobretudo no que se refere à *hexis* corporal; e um viés de classe, no que se refere à inculcação dos princípios.

Por serem as mulheres consideradas diferentes [dos homens] em constituição, temperamento e missão social, a *hexis* corporal feminina visava desenvolver nelas tudo o que tinham de gracioso, flexível, doce e puro — reconfortando sua feminilidade e controlando seus instintos. "Nesse tipo de educação, nada é deixado ao acaso... [As mestras] dão extrema importância à noção de controle corporal [...], da qual derivam os bons modos, as nobres reverências e até mesmo o recato que preserva a honra [...], que dá às jovens rigor físico e caução moral. [...] Cabeça inclinada, olhos baixos, a jovem aprende [...] a aceitar uma ordem sobre a qual não exerce nenhuma influência" (Rogers, 2005a, p.232-234).

Essa *hexis* corporal da submissão previa, como vimos, um corpo ereto, mas flexível e gracioso, o olhar recatado, as mãos *en position*. Os menores atos escolares são concebidos para ajudar a transmissão dessa postura. Por exemplo, a flexibilidade das mãos é paulatinamente induzida através dos exercícios de caligrafia, cuja prática cotidiana durante o primário deixava marca indelével sobre a letra das alunas (Dahl, 2003; Carolina, 1935-39). Fora do colégio, essa *hexis* corporal de distinção é "um dos principais suportes para o julgamento" do caráter feminino (Leonardi, 2004, p. 88). Ela integrava a tal ponto a cultura das *enfants de Sion* que Sérgio Paulo Rouanet⁹ comenta que sua mãe, ex-interna em Petrópolis, assiste "ereta, na posição decorosa [aprendida] no colégio Sion há 80 anos", seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras.

⁹ Sérgio Paulo Rouanet, diplomata e cientista político carioca, foi eleito para a cadeira n° 13 da Academia Brasileira de Letras em 23 de abril de 1992.

Cultura burguesa e cultura escolar católica de tradição francesa

Uma análise da socialização proposta no Sion mostra que os "três elementos que, parecem resumir a cultura burguesa — a arte do detalhe, o controle de si ou a interioridade controlada e a ritualização do cotidiano" (LeWita, 1988, p. 81) — estão aí presentes, reafirmando, como se preciso fosse, o caráter de classe dessa educação. Sabe-se que a burguesia se distingue das demais camadas sociais por uma multidão de ínfimos detalhes, neutros e discretos, que atestam a qualidade da pessoa e tornam o mútuo reconhecimento imediato. Além disso, o burguês deve "ser senhor de si mesmo" (Mauss, 1969), não ceder a suas emoções, enfrentar as vicissitudes com serenidade, mostrar que domina seus instintos. Esse controle de si é aprendido desde cedo na esfera familiar, onde a interiorização das normas o transforma numa segunda natureza. Por último, a codificação e a repetitividade que caracterizam os gestos e hábitos da vida cotidiana de um lar burguês permite que possam ser qualificados de rituais, cuja função é "tentar estruturar os comportamentos e as maneiras pelas quais um grupo social se concebe" (Rivière, 1983). É o domínio dos rituais que vai determinar o nível de integração dos indivíduos à cultura burguesa: "sem [...] ritualização, não se pode verdadeiramente adquirir nem as boas maneiras nem o controle de si" (LeWita, 1988, p. 89).

Os mesmos três elementos estão presentes ao longo da transmissão da cultura escolar católica de tradição francesa praticada no colégio Sion. A importância do detalhe "já era uma categoria da teologia e do ascetismo" (Foucault, 1975). Basta consultar a *Conduite des écoles* (1720) para verificar que o controle do espaço e do tempo, a postura corporal e a tensão permanente entre os alunos já faziam parte dos minuciosos rituais prescritos por Jean Baptiste de la Salle no século XVIII. Os rituais morais e religiosos têm justamente por objetivo ordenar as condutas individuais, desenvolver o controle de si interno e externo,

disciplinar os afetos. Essa socialização fundada na observância do detalhe e no controle de si, adquirida sob a tensão permanente inerente à disciplina do corpo e dos instintos própria à educação burguesa, contribui a assentar a "identidade sionense". Os ritos tem sobretudo por função "instituir diferenças duráveis entre aqueles a quem [ele] concerne" (LeWita, 1988, p.83-84) e os demais — ou seja, contribuir à distinção. Esse conjunto de traços duráveis faz com que as alunas socializadas em Sion tenham reações 'espontâneas' similares, percebam as pessoas da mesma maneira e se reconheçam à primeira vista no colégio e em sociedade através daquela "pontinha de aristocratismo" (Rogers, 2005a, p.288) que caracteriza tanto as alunas de Sion quanto as que passaram pelas escolas da *Légion d'Honneur*, na França. As alunas em processo de ascensão social, que fazem da burguesia seu grupo de referência (Merton, 1957), buscam assemelhar-se a qualquer preço a esse modelo:

Eu estava assim muito preocupada [...] em ter a cara do Sion mesmo, né? De ser *enfant de Sion*. Eu entrei pra tudo, né? Quer dizer, na verdade, o que pude fazer no Sion, eu fiz. Eu era do coro, da equipe de vôlei, jogava pelo colégio, era reserva mas jogava, enfim eu ia a todas as coisas em que o colégio ia, aqueles passeios, aqueles retiros [...] (risos). Eu estava em todas... (Stella F.)

Rituais de identidade

Todos os colégios católicos femininos se preocupam em construir uma identidade própria, cujas palavras-chave são integração e pertencimento. A maioria das *enfants de Sion* da turma 1949-61 manifesta um sentimento de orgulho ou de maravilhamento por ter pertencido ao colégio¹⁰. Dessa maneira, elas têm a sensação, cuidadosamente alimentada pela instituição,

¹⁰ Nas respostas aos questionários, apenas 5 dizem ser "indiferentes" a Sion.

de "fazer parte de um grupo de exceção" (Bourdieu, 1989, p.257), "de uma elite entre aspas, uma elite não pelo dinheiro ou pela projeção social [...] mas de gente fina, de gente bacana, de gente de família, as famílias tradicionais" (Silvia).

Era extremamente importante que as alunas que faziam ou tinham feito parte da instituição fossem identificadas em sociedade como *enfants de Sion*. Os primeiros rituais do colégio enfatizam justamente os aspectos de reconhecimento social: o uniforme, as insígnias, as festas de classe, as assembléias. O uniforme representa "um corte simbólico com o mundo exterior" (Rogers, 2005a) e marca as meninas que o endossam com o selo do estabelecimento. As alunas lhe atribuem igualmente a função de "suave igualador" (Almeida, 1931) das diferenças entre "colegas muito mais ricas, colegas com a mesma situação e colegas mais pobres" (Amanda). Em Sion, como nas escolas da *Légion d'Honneur*, ele é complementado pelas insígnias que marcavam, além do pertencimento à instituição, a adesão a uma classe específica: o "cinto", um longo cordão torcido com borlas em suas extremidades, e a "cruz", uma fita de seda *moirée* em torno do pescoço, com uma cruz de madrepérola na ponta. O uniforme tradicional de Sion, que resistiu intacto até os anos 1940, se simplifica com o passar do tempo, sofre a ação das estações, muda nos dias de festa. Também as cores das insígnias são reordenadas, sofrem acréscimos, diante das sucessivas reformas do sistema de ensino brasileiro. Antes das Leis Orgânicas do Ensino Secundário (1942), quando o ginásio de cinco anos constituía o fim do curso, as cores das insígnias eram *bleu-clair*, *blanche*, *multicor*, *violette liserée*, *violette unie* (Carolina, 1935-39) — cores reordenadas com a introdução do clássico¹¹. O poder simbólico desse conjunto era

¹¹ Nos anos 1950-60, as cores eram as seguintes: *Rouge liserée* [pré-primário]; *Rouge* [1º primário]; *Grenat* [2º primário]; *Orange* [3º primário]; *Verte* [4º primário]; *Bleu liserée* [Admissão], *Bleu foncée* [1º ginásio]; *Bleu clair* [2º ginásio]; *Blanche* [3º ginásio]; *Multicor* [4º ginásio]; *Blanc-violet* [1º clássico]; *Violette liserée* [2º clássico]; *Violette unie* [3º clássico]. Note-se que a classe multicor era a única cujo nome era dito em português.

bastante forte: ao endossar o uniforme com suas insígnias, as alunas se tornavam co-responsáveis pela reputação do colégio e deviam manter em público uma postura corporal impecável, a polidez, a maneira de falar e o vocabulário cuidado que as distinguia.

A festa de classe era concebida para estreitar os laços entre as alunas da mesma classe. Um dia por ano, as alunas de cada classe eram dispensadas das aulas e organizavam uma atividade conjunta, que variava segundo a idade: uma tarde na casa de campo de uma delas, um piquenique num local público, mais raramente a visita a uma instituição ou uma viagem. As alunas têm boas lembranças desse conagraçamento inter-pares. Mas são aquelas que pertencem à alta burguesia que lhes davam todo seu valor, provavelmente porque intuíaem que eram benéficas à constituição de seu capital social: "Olha, o Sion para mim é... aqueles passeios, você lembra daqueles passeios que a gente fazia? Festa de classe? [...] eu adorava aqueles passeios todos, adorava festa de classe!" (Amanda)

A atribuição pública e solene de recompensas e punições simbólicas durante as Assembléias — "ritual impressionante, que conferia importância à nossa vida escolar" (Sonia, 1948-56) — também compunha os rituais de identidade. Sob os olhos de toda a comunidade escolar reunida na Grande Sala, cada aluna era ou não recompensada por sua capacidade de adesão ao *esprit de Sion*. Quando seus nomes era chamados em voz alta, deviam descer de maneira digna e compassada as escadarias de madeira, colocar-se em semi-círculo diante de *Notre Mère*, fazer a reverência e se ajoelhar para receber o "fitão"¹² ou "tirar a cruz". Sion mantinha a tradição francesa de submeter as alunas à constante ameaça da sanção última, o despojamento da identidade escolar: a perda do "cinto" nas escolas da *Légion d'Honneur*, a perda da "cruz" no Sion — "o castigo", segundo Nair (1922-28).

¹² Fita de tafetá *moiré* atravessada sobre o peito, nas cores de cada classe, cuja largura dependia do mérito.

A coroação, no 3º clássico, era o ritual máximo do colégio, culminação de uma trajetória orientada pelo *esprit de Sion* — já que, para ganhar a coroa, era necessário manter média 7 em procedimento durante os três últimos anos. Acompanhadas de uma aluna menor que elas próprias escolhiam, que levava a coroa sobre uma almofada, as coroandas desfilavam na Grande Sala ao som do Hino da Coroação entoado em coro por todo o colégio. "*Vous allez ceindre la couronne...*" (Danda, 1938-46). *Notre Mère* lhes cingia então a cabeça com uma coroa de rosas em metal dourado. Essa cerimônia mostrava igualmente a continuidade entre as gerações do colégio, unidas num mesmo ritual — o que era ainda uma outra forma de transmitir o *esprit de Sion*.

Rituais morais:

exame de consciência e sentimento de culpa

Os rituais que marcavam mais fortemente a adesão à cultura escolar católica de tradição francesa se articulavam em torno das práticas morais. Uma das práticas centrais nesse contexto — tão importante que era prevista no Regimento interno do colégio — era o chamado "exame de consciência", a partir do qual as alunas "se atribuíam diariamente notas de conduta [com] o objetivo de fazer com que as meninas refletissem sobre seu comportamento, de modo a se conformar à norma bem estabelecida de uma feminilidade obediente e virtuosa" (Rogers, 2005a, p. 290; p. 194).

O exame de consciência, que em Sion inaugurava o dia escolar, visava à aquisição de um espírito de autocrítica reflexivo essencial ao exercício do papel social da mulher. Ele era seguido de uma cerimônia pública, onde cada aluna dava, em voz alta, sua nota, diante de toda a classe reunida — o que não deixava de exercer uma certa pressão sobre elas. "Eu pelo menos não tinha coragem de, tendo feito alguma coisa errada na véspera, levantar e dizer 'eu tenho dez'..." (Glória Maria). Essa antiga tradição

francesa foi implantada no Brasil desde a fundação do colégio — época em que "as alunas diziam *Honneur* quando tudo corria como devia, e *Un deux* quando haviam demonstrado falta

de aplicação [deixar de estudar as lições], de bom comportamento [conversar nas aulas, nos corredores ou no refeitório] ou de polidez [falta de delicadeza para com as professoras, funcionárias ou colegas]" (Needell, 1993, pp.82-83). Até 1954, as notas variavam entre a "nota de honra" [comportamento impecável], a "nota simples" [comportamento médio] e a "nota perdida" [mau comportamento]¹³ (Regimento interno, cap. X, art. 30) — mas certas irmãs mais idosas ainda costumavam se dirigir em francês às meninas que faziam algo censurável, dizendo "Vous avez un deux!" Através do exame de consciência, as *enfants de Sion* são estimuladas, desde a mais tenra idade, a se conceber enquanto indivíduos responsáveis, que determinam por si mesmas seu comportamento, refletindo sobre seus atos cotidianos. A maior parte delas parece ter interiorizado essa idéia, ao pensar que "aquilo era uma questão de... comigo e realmente minha consciência" (Glória Maria), era um "julgamento feito por nós mesmas, réis e juizes a um só tempo" (Dutra, 1975, p. 7). Mas algumas ex-alunas julgam atualmente que as notas insistiam sobretudo nos erros com relação à norma. A própria instituição pretende a uma predominância das regras exteriores quando usa a palavra "normativa" para qualificar a autocrítica prescrita pelo Regimento interno do colégio: esse termo leva a pensar que as notas são dadas a partir da perfeita sintonia das alunas com o *esprit de Sion*.

A finalidade desse ritual era antes de testar até que ponto as normas educativas da instituição e as injunções morais da igreja católica tinham sido efetivamente interiorizadas, fazendo com que, em sua vida adulta, as alunas de Sion se orientassem docilmente

¹³ Esse sistema de notações foi substituído por pontos, de um a dez, a partir de 1954 (Nascimento, 1991).

no sentido do "espírito geral da sociedade" (Ehrenberg, 2000). A pesquisa deixa perceber que, mais do que pelo amor, as meninas de Sion são governadas pelo forte sentimento de culpa presente em todas as gerações, que o sistema do exame de consciência ajuda a cultivar. Qualquer que seja sua origem social, as alunas são unânimes em lamentar o peso excessivo desse espírito religioso que lhes colocava "culpas e mais culpas sob muitos aspectos" (Thereza, SoniaJ., Angelina, Cecília), que as fizeram deixar a instituição "com uma tendência à auto-culpabilidade" (Angelina). Numa de suas crônicas, Maria Lucia Dahl (1948-53), que cursou todo o primário em Sion, diz que apenas de vez em quando consegue "driblar essa velha culpa que me acompanha desde o Colégio Sion [...] que me provoca uma angústia à qual nenhum analista consegue dar jeito..." (Dahl, 2003).

Um contexto calcado na religião

A inspiração profundamente religiosa da maioria dos rituais praticados em Sion fazia com que os valores transmitidos fossem calcados na noção de pecado, da qual o sentimento de culpa é correlato. A socialização sionense criava reflexos condicionados apoiados explicitamente no pecado e na culpa, "que comandavam os conformismos de pensamento e até mesmo os automatismos de conduta" (Ehrenberg, 2000, p.16). A própria linguagem utilizada pelas freiras e pelos padres encarregados da direção da consciência das alunas contribuía a inculcar-lhes desde cedo esse sentimento — havia freqüentes menções ao pecado, ao resgate da culpa através da mortificação e do sacrifício, ao arrependimento, à busca da perfeição. Na adolescência, o colégio distribuía antes da confissão uma lista exaustiva de pecados, onde figuravam os famosos "maus pensamentos" e os "pecados contra a castidade". "Ah, a pureza! Tudo era pecado... pegar na mão era pecado, não sei que lá era pecado!" (Maria Cecília, 1947-59).

Era preciso que um rigoroso exame descobrisse culpa em algum recanto de sua consciência, levando a mulher a sempre se sentir responsável — e não a projetar a culpa sobre seu cônjuge ou uma terceira pessoa — de modo a não colocar em dúvida os fundamentos do poder. O sentimento de culpa acompanha assim as *enfants de Sion* até o fim da vida, servindo de instrumento de dominação na medida em que as mantém resignadas diante da ordem social. Mas ele serve também, com frequência, de instrumento de manipulação social em sua conduta privada, em suas interações entre elas próprias e as outras colegas de Sion, e entre elas e os demais membros da sociedade, sobretudo os que tem um status social inferior.

Em Sion, como nos demais colégios que adotam a cultura escolar católica de tradição francesa, havia símbolos religiosos disseminados por toda parte, conformando o paradigma fundamental que McLaren (1992, p. 242-243) chama "tornar-se um católico", ou seja, "a refração da realidade educacional através de lentes de imagens estrategicamente colocadas e de artefatos religiosos que envolvem os estudantes em um miasma ideológico fortemente carregado de significação e sentido". Na Grande Sala, uma grande estátua da Virgem de Sion num nicho, em cuja base estava escrito o lema das alunas *In Sion firmatae sumus*, e um quadro de *Notre Père* e seu irmão, *Père Marie*¹⁴. No recreio, uma imagem do Cristo de braços abertos acolhia as alunas e, mais acima, havia uma gruta consagrada à Virgem de Sion. Cada sala de aula era dominada por um grande crucifixo sobre o estrado da mestra de classe. A religião se fazia presente no cotidiano, através das orações constantes, dos santinhos distribuídos como recompensa e, nas épocas de retiro, nos altares com lamparinas votivas montados em certos recantos. Ritos como a confissão semanal e o retiro anual de três dias contribuíam a aumentar "o

¹⁴ P^o. Théodore Rattisbonne, o fundador da ordem de Sion, e seu irmão Alphonse Rattisbonne.

conhecimento [rigoroso] de si mesma" (LeWita, 2001, p. 83), reforçando a reflexividade das alunas. O clima religioso era completado pelas missas diárias, facultativas, e as missas conjuntas de todo o colégio, uma vez por semana, de frequência obrigatória; as bênçãos e as ladainhas; a primeira comunhão solene das alunas; e o canto gregoriano na capela, dirigido por Mère Afonsita, "acompanhado de incenso e toque de campainhas, nas tardes em que havia bênção. Ninguém há de esquecer jamais aquela voz de soprano entoando o *Pater dimite illis*. Amo rituais até hoje, talvez em memória do colégio" (Sonia, 1948-56).

Os ritos religiosos serviam igualmente para suscitar a vocação religiosa das alunas. Entrar para o convento foi durante muito tempo uma via nobre para as mulheres que não puderam ou não quiseram se casar. Nas gerações mais antigas, uma ou duas alunas de cada turma seguiam essa via. Mas nos anos 1950, as vocações religiosas pareciam estar em crise: a turma de 1949-61 não teve uma só freira, apesar dos discursos das mestras de classe sobre o "chamado irresistível" do Cristo para servi-lo. A representação do poder desse chamado era tão grande que Maria Regina "rezava todos os dias para que Jesus não [a] chamasse". No entanto, algumas poucas alunas (Stella F., Angelina) — entre as que se orgulhavam em ter o *esprit de Sion* — atravessaram na adolescência uma fase de exaltação mística em que acariciaram fantasias nesse sentido

Em guisa de conclusão

Ritos e normas conformam assim o que chamei de "cultura escolar católica de tradição francesa", que faz com que a instituição sionense se inspire nas tradições européias para transmitir distinção, contribuindo a formar mulheres cobiçadas pelos homens da elite. O encerramento simbólico e seletivo dessas meninas dentro de um universo escolar ritualizado, necessário à constituição de um grupo de eleitas, faz com que as alunas de

Sion acabem por possuir uma cultura comum, que as leva a aspirar a exercer com competência e recato o papel social de esposa e mãe burguesa.

A análise que fiz aqui dá sobretudo a perceber como as alunas incorporam a instituição onde foram educadas a ponto de fazer corpo com ela, de lhe dar corpo, para utilizar a expressão de Bourdieu. A ausência ao colégio ou a qualquer ritual da instituição, as entorses ao regimento interno, eram detalhes que indicavam a não adesão ao *esprit de Sion* e por isso mesmo, severamente sancionados.

O espírito de corpo transmitido por essa instituição dota as meninas de um *habitus* que acarreta a propensão a entrar no jogo e a jogá-lo, à qual Bourdieu (1989, p. 59) dá o nome tão poético de *illusio*. Ele fornece assim às alunas esse universo de crenças e tradições que é, segundo Hubert & Mauss (1909) a base da eficiência mágica que opera a adesão encantada à instituição e faz com que elas deixem o colégio predispostas a acatar seu destino social. A instituição sionense cultivava em suas alunas um amor supostamente eterno, como se pode ver pelos dísticos e máximas sionenses: *Sion não é de hoje ou de ontem, é de sempre* ou *Sion est une maison que l'on quitte un jour, que l'on n'oublie jamais et que l'on retrouve toujours avec bonheur*¹⁵. O *esprit de Sion* é, segundo as próprias alunas, "aquele apego arraigado no coração [...], toda uma filosofia de vida a ser transmitida, como a tocha sempre acesa de Maratona" (Dutra, 1975, p. 7).

O grau de investimento nesse jogo vai, no entanto, ser determinado pela maior ou menor distância que tenham com relação à instituição. Moças da alta burguesia, que valorizam mais a família e a linhagem, como Amanda, Thereza e Anna Lucia, vão viver melhor o cotidiano de Sion por serem menos dependentes dos veredictos escolares; ao passo que as meninas de classe média,

¹⁵ "*Sion é uma casa que deixamos um dia, que nunca esquecemos e que sempre reencontramos com felicidade*".

como Angela ou StellaF, obrigadas a levar o colégio a sério porque dele depende sua ascensão social, vão experimentar uma angústia mais profunda, um maior sofrimento.

No entanto, na idade madura, todas elas guardam excelente lembrança da educação recebida em Sion. A análise aqui efetuada vem lançar nova luz sobre a frase com que quase todas as meninas de Sion entrevistadas começam ou encerram suas falas: "o saldo é positivo" (Xavier de Brito, 2005). A progressiva aquisição do *esprit de Sion* leva essas adolescentes tão bem afinadas a formar uma solidariedade de corpo que lhes vem através de um certo número de posturas sociais incorporadas nas disposições corporais que fazem parte de sua cultura comum, a viver a "sororidade" — uma das expressões seletas do espírito de corpo — até o fim da vida. É provável que elas manifestem, através dessas expressões, a nostalgia do paraíso perdido, o fato de terem sido obrigadas a se afastar desse universo tão perfeito, tão perfeitamente ajustado às suas disposições, que era o colégio Sion. Quem assimilou esse espírito, provavelmente considerará impossível, senão iconoclasta, submeter "algo tão sutil, nostálgico, essa tatuagem comum a todas nós" (Glória Maria) à análise sociológica, como tento fazer, destruindo a cumplicidade encantada e desacralizando a instituição à qual devemos nossa identidade.

Referências

ALMEIDA Guilherme de. *Cartas à minha noiva*. São Paulo, Editora Nacional, 1931.

BOURDIEU Pierre, *La noblesse d'État*. Paris, Minuit, 1989.

CAVALCANTI Vanessa Ribeiro Simon. *Vestígios do Tempo: Memórias de Mulheres Católicas (1929/1942)*. São Paulo,

dezembro de 1995. Dissertação de Mestrado Programa de Estudos Pós-Graduados em História, USP.

CASTRO Celso, O espírito militar. Um antropólogo na caserna. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.

COLÉGIO SION, Regimento interno.

COLÉGIO SION, conjunto de cadernetas, arquivos pessoais das alunas

CONSTANT Paule.. *Un monde à l'usage des demoiselles*. Paris, Gallimard, 1987

DAHL Maria Lucia, « Marginália atualizada ». *Jornal do Brasil*, 30 de maio de 2003

DALLABRIDA Norberto, *A fabricação escolar das elites. O Ginásio catarinense na Primeira República*. Florianópolis, UDESC/Cidade Futura, 2001.

DE LA SALLE Jean Baptiste. *Conduite des écoles*. Éditions des Frères des écoles chrétiennes 1720 (1ª edição 1706) http://www.delasalle.qc.ca/documents/107/conduite_des_ecoles.pdf

DURKHEIM, Emile, *Éducation et sociologie*. Paris, PUF, 2007. Coll. Quadrige (1ª edição, Alban, 1922).

DUTRA Lia Corrêa, "Meu velho Sion", *Encontro* n° 1, 1975, p. 5-8.

EHRENBERG Alain, *La fatigue d'être soi. Dépression et société*. Paris, Odile Jacob, 2000.

FAGUER Jean-Pierre, "Les effets d'une 'éducation totale'. Un collègue jésuite 1960". *Actes de la recherche en sciences sociales* n° 86/87, mars 1991, pp. 25-43

FOUCAULT Michel. *Surveiller et punir. Naissance de la prison*. Paris, Gallimard, 1975.

GOFFMAN Erving, *Asylums. Essays on the condition of mental patients and other inmates*. New York, Doubleday Anchor, 1961.

HUBERT Henri & MAUSS Marcel, "Introduction à l'analyse de quelques phénomènes religieux". Préface des *Mélanges d'histoire des religions*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1909, p. 19. Collection Travaux de l'Année sociologique.

JULIA Dominique, "La culture scolaire comme objet historique". In NÓVOA A., DEPAEPE M. & JOHANNINGMAYER E. V. (orgs), *The colonial experience in education. Historical issues and perspectives*. Gent C.S.H.P., *Pædagogica Historica*, 1995, pp. 353-382.

LAGE Maria Luiza, "Depoimento". In *Reminiscências* 1938, vol. 1, p. 69.

LAREAU Annette. *Unequal Childhoods. Class, race and family life*. Berkeley; Los Angeles; London, University of California Press, 2003

LEONARDI Paula. "Puríssimo Coração: uma escola de elite e sua imagem". *Pró-Posições*. vol. 15, n° 2 (44), maio-agosto 2005, p. 77-95.

LEWITA Beatrix, *Ni vue ni connue. Approche ethnographique de la culture bourgeoise*. Paris, Maison des Sciences de l'Homme, 1988. Coll. Ethnologie de la France.

MCLAREN Peter, *Rituais na escola. Em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação* Petrópolis, Vozes, 1992.

MAUSS Marcel, *Essais de sociologie*. Paris, Minuit, 1969.

MENSION-RIGAU Eric. *L'enfance au château*. Paris, Rivages-Histoire, 1990.

MENSION-RIGAU Eric, "Distinction chez les elites". In DHOQUOIS Régine (org.), *La politesse, vertu des apparences. Autrement*, série Morales. Paris, Autrement, 1991, pp. 171-180.

MERTON Robert King, *Social theory and social structure*. Glencoe (Ill.), The Free Press, 1957. [1st edição, 1949].

NASCIMENTO Angelina Bulcão, *In Sion firmata sum* (Memórias da turma de 1950-61). Salvador, 1991 (mimeografado).

NEEDELL Jeffrey, *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo, Cia das Letras, 1993.

PRATES Sylvia, "Cincoenta anos de dedicação", *Reminiscências* 1938, vol. 1, p. 25.

RIVIÈRE Claude. "Pour une approche des rituels séculiers". *Cahiers Internationaux de Sociologie* LXXIV, 1983.

ROGERS Rebecca, *Les demoiselles de la Légion d'Honneur*. Paris, Perrin, 2005a.

ROGERS Rebecca. *From the salon to the schoolroom. Educating bourgeois girls in nineteenth century France*. Pennsylvania, The Pennsylvania State University Press, 2005b.

ROUANET Sérgio Paulo. Discurso de posse da cadeira n° 13 da Academia Brasileira de Letras, 23 de abril de 1992

SANT'ANNA Lilá, *Camila Ciréia*,. Rio de Janeiro, Editora e distribuidora Quadrelli, 1985.

XAVIER DE BRITO Angela, "Le solde est positif. Culture scolaire catholique et socialisation des élites féminines au Brésil, 1920-1970". *Éducation et sociétés n° 15*, avril-juin 2005/1, pp. 153-167.

Ex-alunas citadas no artigo

Nair (1920-28); Rachel (1933-39); Carolina (1935-39); Danda (1938-46); Luciana (1939-49); Maria Cecília (1947-59); Sonia (1948-56); Elza (1949-60).

Turma de 1949-61: Aliana, Alice, Amanda, Angela, Angelina, Cecília, Glória Maria, Maria Regina, Maura, Vera, StellaF, Silvia, SoniaJ, Thereza

Angela Xavier de Brito. Pesquisadora do CNRS. Centre de Recherches sur les Liens Sociaux (CERLIS). Université Paris-Descartes/CNRS. Centre Universitaire des Saints Pères (Bâtiment Jacob). 45, rue des Saints Pères, 75006 Paris, France. e-mail: axavier@paris5.sorbonne.fr

Recebido em: 12/06/2008

Aprovado em: 17/08/2008